

## PROJETO DE EXTENSÃO *TEMÁTICA INDÍGENA NA ESCOLA: DIVERSIDADE DE SABERES*

ANDRESSA SANTOS DOMINGUES<sup>1</sup>; LORI ALTMANN<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – andressadrm@hotmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – lori.altmann@yahoo.com

### 1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem o intuito de apresentar as ações que foram realizadas durante os anos de 2016 e 2017 pelo Projeto de Extensão *Temática Indígena na Escola: Diversidade de Saberes*, em andamento desde o ano de 2013, coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lori Altmann, desenvolvido no Núcleo de Etnologia Ameríndia (NETA), junto ao Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) com parceria do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas do Colégio Municipal Pelotense (NEABI CMP). O Projeto tem como objetivo propiciar uma experiência de construção conjunta de conhecimentos entre participantes do NETA, professores/as, alunos/as de graduação e pós-graduação dos cursos de Antropologia, Ciências Sociais e História e professores/as de escolas da rede pública de ensino.

A partir das temáticas de educação e cultura, a proposta foi construída com base em uma resposta emergente de incentivo a uma reflexão sobre o plano político-pedagógico das Instituições de Ensino. Essa iniciativa está amparada pela Lei 11.645, de 10 de março de 2008, em que se busca a difusão dos saberes de forma a incentivar a valorização das especificidades e diversidades culturais dos povos originários do Brasil. Nesta perspectiva, desde o ano de 2013 o Projeto vem trabalhando em diferentes escolas no intuito de subsidiar as discussões sobre interculturalidade, a fim de aproximar os conhecimentos transmitidos em sala de aula a partir da visão indígena sobre seus povos e sua cultura. KRONBAUER e STRÖHER em seu livro de 2009, apresentam a importância e o desafio de uma educação que promova a convivência na diversidade em atividades de formação de professores/as.

O Projeto parte com a finalidade de atingir, primeiramente, o setor que media a transmissão de conhecimento, ou seja, os/as docentes, por meio de um programa de formação que busca a troca de conhecimento entre universidade e comunidade, propiciando uma experiência de construção conjunta entre participantes do NETA - professores/as, alunos/as de graduação e pós-graduação - e professores/as de escolas da rede pública de ensino.

Este programa de formação favorece uma renovação do processo de ensino-aprendizagem para além de uma perspectiva individualista. A articulação do Projeto foi pensada, então, de forma a explorar formas mais atrativas e dinâmicas de compartilhamento dos saberes, num intercâmbio entre universidade, escola e comunidades indígenas de Pelotas e região. Assim, este processo de troca favorece a reflexão para a superação de paradigmas criados sobre os povos originários que constroem, junto à nós, a história da população brasileira.

Assim, serão expostos aqui as principais ações que foram desenvolvidas durante a formação de professoras e professores junto ao Colégio Municipal

Pelotense durante a segunda fase do Projeto. Dentre elas foi possível realizar duas edições da *Exposição em Imagens, artefatos e artesanatos: diversidade Indígena no Brasil*, no salão do Colégio, uma visita à Aldeia Indígena Kaingang Gyró na região da Cascata – Pelotas/RS, uma oficina de formação na temática realizada no Colégio João XXIII e, como encerramento desta fase do Projeto, também será feita uma breve apresentação de alguns dos trabalhos realizados pelas/os professoras/es que participaram da formação.

## 2. DESENVOLVIMENTO

O Projeto foi desenvolvido a partir de uma metodologia participativa em que as pessoas envolvidas estavam presentes, de acordo com suas disponibilidades, durante todo o seu processo. Ou seja, a construção do Projeto, o andamento e a avaliação passou por uma discussão e aprovação consensual, sendo possível a colaboração de todos/as na apresentação e no diálogo das propostas para a execução de cada etapa.

O grupo contava com cerca de oito voluntárias/os e dois bolsistas, dentre elas/es estudantes da graduação em Antropologia e da Medicina, mestrandas/os também da Antropologia e do curso de História, além de colaboradores do Colégio Municipal Pelotense.

Com a premissa em promover práticas culturais, como parte da realização do Projeto, o grupo que o pensa elencou atividades programadas que foram aplicadas no Colégio Municipal Pelotense, como: a utilização de documentários dirigidos pelos próprios indígenas; ciclos de debates semanais sobre a diversidade sociocultural dos povos indígenas com professoras e professores da Universidade; palestra com indígenas da etnia Tuxá, sendo este estudante do curso de Medicina e bolsista do Projeto em 2016, e o segundo Cacique Kaingang, Alcir Salvador, durante a Exposição de Artesanato e Artefatos Indígenas, sendo a primeira edição realizada em outubro de 2016 e a segunda edição em abril de 2017; e ida à Aldeia Kaingang em maio de 2017.

A Exposição, com a duração de 3 dias em 2016 e de 7 dias neste ano, aberta nos três turnos, contou com mais de 40 artefatos de diversos povos indígenas do Brasil da coleção pessoal da Professora Lori Altmann e Roberto Ervino Zwetsch, banners explicativos de 4 etnias, dentre elas Guaraní Mbyá e Kaiowá, Kaingang e Xokleng, disponibilizado pelo Conselho de Missão entre Povos Indígenas – COMIN, com sede em São Leopoldo/RS nas duas edições.

Dentro da perspectiva de trabalhar a diversidade e a interculturalidade, a multiplicidade de atividades foi essencial para tornar mais atrativas e dinâmicas as temáticas abordadas durante sua execução. Sendo pertinente, também, ao trabalho proporcionar a troca de visitas entre comunidade indígena e as/os participantes da formação da escola. Essas ações contribuíram para trazer à luz o conteúdo debatido durante o ano, de modo a se pensar numa superação de imagens estereotipadas dos povos indígenas e o reconhecimento das especificidades de cada povo.

O Curso foi concluído em dezembro, mas enquanto avaliação final das/os participantes, foi sugerida uma apresentação de trabalhos aplicados às turmas das/os professoras/es realizada em junho deste ano, bem como a entrega de uma lauda avaliativa do Projeto.

## 3. RESULTADOS

Desde o ano de 2013 o Projeto vem trabalhando em diferentes escolas no intuito de subsidiar as discussões sobre interculturalidade, buscando aproximar o conhecimento transmitido com a própria visão indígena sobre seu povo e cultura. Na atual fase do Projeto, iniciado no dia primeiro de junho, a coordenadora Lori Altmann junto com os/as bolsistas e voluntários/as, em parceria com o NEABI CMP, vem desenvolvendo um processo semelhante às atividades de formação de professores/as, dos anos iniciais, realizadas anteriormente, aprimorando-as com a participação de palestrantes Professoras/es Doutoras/es da UFPel e de indígenas das etnias Tuxá e Kaingang.

Na Exposição deste ano, que ocorreu durante a semana dos povos indígenas em abril, tivemos a participação de outras turmas da escola não contempladas na edição anterior, sendo também bastante elogiada por professoras/es que retornaram a visitá-la. As palestras dos indígenas Alcir Salvador e Leonardo Christian Tuxá somaram-se em duas noites do evento, sendo primordiais para o compartilhamento de saberes e de vivências sobre seus povos. Para além, fomos prestigiados com uma reportagem no Jornal Diário da Manhã escrita pelo repórter Carlos Godoy.



*Exposição em Imagens, artefatos e artesanatos: diversidade Indígena no Brasil. Abril de 2016.*

Algumas semanas depois, a proposta de visita a Aldeia Kaingang Gyró foi contemplada. A turma de professoras/es da formação passou a manhã do dia 04 de maio, junto a uma equipe do Projeto, conhecendo a aldeia e, também, como parte da recepção, houve uma apresentação do grupo de dança Kaingang.

Formada por professores/as de diversas áreas do conhecimento, a avaliação final da turma era um projeto de aplicação da temática, individual ou em grupo, com suas/seus alunas/os. Em junho foi possível ver a dimensão que o Projeto tomou na escola e, também, como foi o empenho e desempenho das/os participantes. Desde atividades aplicadas em aulas de geografia, como em aulas de português, artes, inglês e matemática, por exemplo. As atividades exploraram as histórias dos povos, as regiões em que ocupam no Brasil, modelagem de cerâmicas abordando elementos gráficos das culturas, brincadeiras com bonecos contextualizando seus diversos modos de viver, entre outros.

Durante nossos planejamentos de oficinas no Colégio Pelotense, o convite se estendeu para realizá-las num evento promovido pelo projeto *Cotas: um diálogo afirmativo entre a universidade e a escola*. Assim, as oficinas planejadas para o Pelotense foram adaptadas para uma tarde no evento *Questões étnico-raciais e ações afirmativas na sala de aula - diálogos e perspectivas*, que ocorreu em outubro de 2016.

Esta oficina contou também como uma ação importante do Projeto em que, um grupo mais reduzido da equipe geral, aplicou-se outras formas de abordar a importância da temática indígena em sala de aula. A oficina foi direcionada para professoras/es de toda a rede municipal da região de Pelotas e resultou na contribuição de propostas pedagógicas e materiais didáticos que serão disponibilizadas no formato de um livro.

#### 4. AVALIAÇÃO

Diante do desafio de (re)adaptar o plano político-pedagógico das Instituições de Ensino - que devido aos conteúdos abordados nos livros didáticos, transmitem um conhecimento deturpado dos povos originários - busca-se, pela Lei 11.645, de 10 de março de 2008, a difusão dos saberes num modelo intercultural que possibilite a valorização das especificidades culturais de povos indígenas. BERGAMASCHI e GOMES (2012) falam numa ressignificação das concepções no processo de ensino-aprendizagem em vista das ressignificações dos povos frente a elementos de suas culturas buscando, assim, uma reaproximação com suas ancestralidades e, que esses elementos se evidenciem e sejam visibilizados num diálogo intercultural dentro do espaço escolar.

Com uma proposta de aperfeiçoamento das discussões sobre a diversidade cultural aplicadas no ambiente escolar, o Projeto visa a reflexão, no âmbito sociocultural, sobre uma superação das diferenças e intolerâncias. Desta maneira, é possível se pensar num acesso à educação mais amplo e flexível diante de intolerâncias étnicas. Assim, a proposta pode ser passível de atingir um nível de ensino intercultural, como Da Silva (1995, p.15) afirma que pode ser possível uma troca construtiva entre diferentes grupos na nossa sociedade, pautada em diálogos, aceitação e diversos saberes em convívio.

Mexer com a ferramenta básica de mediação, ou seja, nos espaços de formação de conhecimento, incentiva o desenvolvimento e construção consciências mais críticas frente às questões relacionadas às relações humanas e identitárias, de modo a ser um meio valioso de promover o reconhecimento da diversidade e, enquanto consequência, a interculturalidade. E, é apostando nessa troca e compartilhamento os saberes dos nossos povos originários que as barreiras possam dar lugar para se criar pontes e alcançar novas perspectivas.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; GOMES, Luana Barth. **A Temática Indígena na Escola: ensaios de educação intercultural**. Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 53-69, Jan/Abr 2012.

SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI Luís Donizete Benzi. **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. Brasília, MEC/MARI/UNESCO, 1995.

ALTMANN, Lori (Coord.). **Projeto de Extensão “Temática Indígena na Escola: Diversidade de Saberes”**. Código DIPLAN/PREC: 53007083. UFPEL/2016.

BRASIL. **LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm) Acesso em: 30/04/2014.

KRONBAUER, Selenir Corrêa Gonçalves; STRÖHER, Marga Janete. **Educar Para a Convivência na Diversidade: Desafio à formação de professores**. São Paulo: Paulinas, 2009.